

ACREDITO NO PODER DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, NO PODER QUE A EDUCAÇÃO TEM DE MUDAR VIDAS.

Rodrigo Ribeiro dos Santos

Lourdes Aparecida Portela de Sá

**VISITA AO MUSEU AFRO-BRASIL:
AMPLIANDO O OLHAR SOBRE O CONTINENTE AFRICANO**



Revista **1ª** EVOLUÇÃO

Ano IV - nº 36 - Janeiro de 2023

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Andreia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Organização:

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Colunista: Isac dos Santos Pereira

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Alecina do Nascimento Santos

Antônio Dos Reis Façony

Faustino Moma Tchipesse

Jucira Moura Vieira da Silva

Lourdes Aparecida Portela de Sá

Lucicleide Pereira dos Santos

Maria Elisabete Rodrigues de Britto

Mirella Clerici Loayza

Monica Nunes

Nair Dias Ramos

Patrícia Mendes Cavalcante de Souza

Rita de Cássia Martins Serafim

Roberta Batista

Sheila Bastos Soares

Vilma Cavalcante Sabino da Silva

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 3, n. 36 (jan. 2023). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2023. 130 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

Vol. 1, n. 1 (fev. 2020)

ISSN 2675-2573 (on-line)

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.36

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

ACESSOS: <https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.36>



São Paulo
2023

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Comissão editorial:

Antônio Raimundo Pereira Medrado
José Roberto Tenório da Silva
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Isac dos Santos Pereira
José Wilton dos Santos

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeílson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Faustino Moma Tchipesse
Prof. Dr. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo
Profa. Ma. Veneranda Rocha de Carvalho

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Dr. Isac dos Santos Pereira
Prof. Me. José Wilton dos Santos

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado
José Roberto Tenório da Silva
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



A revista PRIMEIRA EVOLUÇÃO é um projeto editorial criado pela **Edições Livro Alternativo** para ajudar e incentivar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

Seu corpo editorial é formado por professores/as especialistas, mestres/as e doutores/as que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

Uma de suas principais características é o fato de ser **independente e totalmente financiada por professoras e professores**, e de distribuição gratuita.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores/as e autores independentes;

Financiar (total ou parcialmente,) livros de professoras/es e estudantes da rede pública.

PRINCÍPIOS:

Os trabalhos voltados para a **educação, cultura** e produções independentes;

O uso exclusivo de **softwares livres** na produção dos livros, revistas, divulgação etc;

A ênfase na produção de **obras coletivas** de profissionais da educação;

Publicar e divulgar **livros de professores(as)** e autores(as) independentes;

O respeito à **liberdade e autonomia** dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à **diversidade**.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**

Produzida com utilização de softwares livres

 **FREE SOFTWARE
FOUNDATION**



Filiada à:



Platform &
workflow by
OJS / PKP

Google Acadêmico



www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

05 APRESENTAÇÃO

Prof^a. Dra. Andréia Fernandes de Souza

08 DESTAQUE

Prof. RODRIGO RIBEIRO DOS SANTOS

ACREDITO NO PODER DA EDUCAÇÃO PÚBLICA. NO PODER QUE A EDUCAÇÃO TEM DE MUDAR VIDAS.

06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac dos Santos Pereira

129 Na Busca do Brincar

J. Wilton



ARTIGOS

* Destaque

1. A FORMAÇÃO DO EDUCADOR E SUA IMPORTÂNCIA PARA A DIVERSIDADE E A INCLUSÃO Alecina do Nascimento Santos	13
2. ÉTICA E DEONTOLOGIA NA EDUCAÇÃO: ARTICULANDO SABERES E EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS Antônio Dos Reis Fançony e Faustino Moma Tchipesse	21
3. O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO BASE PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS Jucira Moura Vieira da Silva	35
★ 4. VISITA AO MUSEU AFRO-BRASIL: AMPLIANDO O OLHAR SOBRE O CONTINENTE AFRICANO Lourdes Aparecida Portela de Sá	45
5. A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL Lucicleide Pereira dos Santos	55
6. ÉTICA, MORAL, FILOSOFIA E PSICOLOGIA NA EDUCAÇÃO E O PROFESSOR COMO AGENTE TRANSFORMADOR Maria Elisabete Rodrigues de Britto	63
7. REFLEXÕES SOBRE AULAS BASEADAS NA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS VOLTADAS À EDUCAÇÃO INFANTIL Mirella Clerici Loayza	71
8. A EDUCAÇÃO INFANTIL E A SUA IMPORTÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS Monica Nunes	79
9. O LETRAMENTO NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL Nair Dias Ramos	87
10. UMA BREVE HISTÓRIA DA INFÂNCIA E SEUS PENSADORES Patrícia Mendes Cavalcante de Souza	95
11. AS TECNOLOGIAS DIGITAIS E SUAS RELEVÂNCIAS NA EDUCAÇÃO Rita de Cássia Martins Serafim	103
12. O PODER DA CULTURA AFRO E INDÍGENA Roberta Batista	107
13. MUSICALIDADE E OS SEUS EFEITOS PEDAGÓGICOS Sheila Bastos Soares	115
14. A EDUCAÇÃO E OS DESAFIOS DA INCLUSÃO Vilma Cavalcante Sabino da Silva	121

VISITA AO MUSEU AFRO-BRASIL: AMPLIANDO O OLHAR SOBRE O CONTINENTE AFRICANO

LOURDES APARECIDA PORTELA DE SÁ

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir acerca de como o museu Afro, no Ibirapuera, pode ser referência histórica e metodológica nas aulas de História e como este recurso pode contribuir para o desenvolvimento do senso crítico, desmistificando a visão eurocêntrica. Ressalta a necessidade de reformulação de subsídios teóricos e metodológicos que auxiliem numa prática pedagógica crítica e que contemple as diversas culturas, atendendo os pressupostos da Lei 10.639/03. Pretende analisar como o professor pode utilizar as diferentes linguagens para aumentar o repertório cultural dos alunos e exercitar o olhar para a diversidade da cultura Africana. Busca desmistificar e desconstruir conceitos, destacando que a África é um continente enorme com muitas riquezas, que vai além dos estereótipos. Para alcançar estes objetivos, esta pesquisa propõe a construção de painéis fotográficos na escola e o estudo de textos e imagens que possibilitem a ressignificação da cultura Africana. Conclui-se que o museu Afro Brasil permite uma articulação entre a história individual e coletiva e se constitui em uma forma de abordar as questões legais que incluía História e Cultura Afro-Brasileira nos sistemas de ensino de todo o país, públicos ou privados. Este trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica especializada nos temas africanos e fotografia.

Palavras-chave: África; Cultura Africana; Imagens; Pesquisa.

INTRODUÇÃO

A visão que os alunos possuem do continente africano é constituída por imagens tristes, a AIDS, a fome, baseadas em fotografias veiculadas nos jornais e que constroem o imaginário sobre a África contemporânea.

Este artigo discute como a visita a um museu pode colaborar para que o aluno tenha uma visão mais realista sobre o continente Africano. Para isso sugere a elaboração de um projeto político-pedagógico que direcione, oriente e organize as atividades da escola, planejando a visita ao museu, mostras culturais, artísticas e feiras gastronômicas com o Tema Africano, permitindo o envolvimento dos alunos. Sugere também um projeto de fotografia e o registro das atividades com a montagem de um painel.

Um processo de ensino e aprendizagem significativo é aquele em que há espaço para a comunicação, o diálogo, a troca de opiniões dos alunos entre si e com o professor, enfim, um processo de construção do conhecimento baseado na ação e reflexão e não simplesmente na transmissão e reprodução de informações.

Esta visita ao museu permite também, que se discutam temas importantes como preconceito e racismo, tendo em vista a frequência que estes episódios ocorrem na escola.

A escola convive com uma multiplicidade de recortes visuais, onde imagens e os vídeos gravados pelos estudantes circulam concorrendo com as aulas. Neste contexto o professor pode aproveitar este interesse de registrar e incentivar a pesquisa de fotografias sobre a cultura Africana, para aumentar o repertório cultural dos alunos e exercitar o olhar para a diversidade e a riqueza desse continente. A escola não pode deixar de incluir a fotografia em seu repertório e currículo, utilizando esta linguagem para fins didáticos e para auxiliar a compreensão dos conteúdos.

A escolha deste tema é importante tendo em vista a obrigatoriedade da inserção do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, através da Lei 10.639, que a história e a cultura afro-brasileira sejam parte constituinte da formação da sociedade brasileira.

COMO A VISITA AO MUSEU PODE CONTRIBUIR PARA A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO OLHAR SOBRE O CONTINENTE AFRICANO

Os museus devem ser vistos como “espaço destinado à construção e disseminação do conhecimento na sociedade”

O professor deve pensar e investigar outras maneiras de mostrar os vários aspectos do continente africano, já marcado por uma narrativa única da globalização. No acervo, o aluno poderá ver pinturas, esculturas e peças etnológicas, que darão subsídios para ele repensar, o processo de retirada dos africanos de seu país para serem escravos em colônias europeias, as lutas de libertação, os movimentos culturais e fazer novas leituras sobre o passado.

A mostra do museu Afro-Brasileiro, conta com obras, pinturas, esculturas, gravuras, documentos e peças etnológicos produzidos entre século XVIII e os dias de hoje. Este acervo amplia a visão do aluno sobre o continente Africano e permite também, que ele desconstrua a imagem do negro como um ser sem cultura, sem valores e costumes. Além disso, ele poderá aprender sobre a importância dos universos culturais africanos e afro-brasileiros, pois estão expostas peças que registram a trajetória histórica e demonstram as influências africanas na construção da sociedade brasileira.

O educador pode utilizar imagens das obras como recurso para promover discussões e o desenvolvimento de uma postura crítica. As explicações e a visualização das fotos das obras que estão expostas no museu desenvolverão saberes que serão importantes na compreensão dos fatos históricos e contextos ali expostos.

É importante mostrar fotos do que os alunos irão ver no museu, usando como ponto de partida a percepção que os alunos têm deste continente e orientá-los, prepará-los para a visita e instigar a curiosidade sobre o assunto. Devem ser ressaltados os aspectos que podem ser observados, como a importância das obras, pintura e esculturas da época vivida, após isso pesquisar, fazer fotos e cartazes sobre os temas.

Formado por quatro mil peças da coleção particular de Emanuel Araújo, artista plástico, curador e diretor do museu, o espaço é importante explicar a importância do negro na formação da sociedade brasileira e um ponto de partida para desenvolver projetos ligados à história africana e afro-brasileira.

Depois dessa exposição e de novas informações, o professor pode trabalhar o tema africano de uma forma dialogada e interativa, caracterizada por uma constante troca de experiências. Assim com todas essas informações e análise poderão fazer um proveito maior da visita ao museu tendo uma base para compreender melhor a matéria.

De acordo com os PCNs, Brasil, (1998, p. 33): Diante de uma obra de arte, o espectador pode realizar interpretações que tem tanto a dimensão subjetiva como a objetiva. Isso ocorre durante um processo, em que se relacionam as imagens da obra do artista e a experiência do apreciador.

Em sala, devem fazer um roteiro sobre os aspectos mais importantes do passeio, algumas perguntas podem ser formuladas para serem feitas para os guias, a fim de dar maior direção e riqueza às informações recebidas. Além disso, deve lembrar-se dos objetivos do projeto, o que querem descobrir, onde pretendem chegar com os conhecimentos da visita ao museu.

A cultura africana oferece elementos relacionados a todas as áreas do conhecimento. De acordo com Oliveira, (s/d) "Não podemos esperar mais para virar essa página na nossa história.", a África no plano de ensino, poderá ser uma contribuição para a superação do preconceito e da discriminação racial na escola.

Logo na chegada, os alunos vão se surpreender com uma instalação que reproduz o ambiente de um navio negreiro, o meio de transporte que representou a morte para muitos durante a travessia do Atlântico.

O museu Afro Brasil abre espaço para a divulgação da contribuição africana na formação do patrimônio, identidade e cultura brasileira. Lá ícones nacionais como o escritor Machado de Assis, Telas de pintores negros do século XIX, escultura e objetos de arte estão espalhados por três andares das mostras.

O espaço está dividido em seis espaços principais: África: diversidade e permanência; trabalho e escravidão Religiões Afro-brasileiras O sagrado e o profano História e memória e artes Plásticas: a mão afro-brasileira.

Diversidade e permanência - tratam da riqueza cultural artística e histórica dos povos africanos. Estão expostas máscaras e estatuetas de madeira, bronze e marfim e vestes bordadas em fio de ouro.

Trabalho e escravidão - são enfatizados os conhecimentos e as tecnologias trazidas pelos africanos escravizados, tanto no ambiente rural como no urbano. Além de pinturas e esculturas retratando parte destas contribuições o visitante poderá apreciar documentos e outros objetos ligados ao trabalho como máquinas de moer cana, formas para fabricar açúcar e ferramentas.

O sagrado e profano - estão representadas as festas populares como a Congada e o Maracatu, remetem ao período colonial e eram consideradas espaços de sociabilidade dos escravos. Estão expostos instrumentos musicais de origem africana, símbolos relacionados a antigos reinos do continente como máscaras, bandeiras e vestimentas.

História e Memória - Segmento onde estão expostos fotografias e documentos que se referem à história e memória de importantes personalidades negras que se destacaram em várias áreas do conhecimento e que exaltam a trajetória de escritores como Carolina Maria de Jesus autora do livro “Quarto de despejo”.

Artes Plásticas - Este espaço expõe obras de diferentes períodos da arte no Brasil, desde o Barroco e o Rococó, o século XIX e a arte acadêmica, bem como a arte popular, a Arte Moderna e a Contemporânea.

As religiões Afro-Brasileiras - Neste espaço as visões de mundo e mitologia são ressaltadas por meio de rica iconográfica, com destaque ao panteão de santos, orixás e outras entidades cultuadas no Brasil. Podem ser observadas as vestes de egungun e de orixás, instrumentos musicais, além de pinturas, gravuras, esculturas, instalações e fotografias dedicadas ao tema.

Além disso, tem visitas temáticas, no mês de março sobre as mulheres negras. A visita ao museu afro-Brasileiro contribui para uma conscientização da potencialidade estética, histórica, artística e cultural presente no continente africano.

A FOTOGRAFIA COMO MEDIADORA DE NOVOS OLHARES DO CONTINENTE AFRICANO

Um projeto de fotografia pode ser um instrumento de releitura, mediadora de novos olhares, ampliando as linguagens de interpretação e de registro da realidade do continente africano. Pode também auxiliar a melhorar as relações escolares proporcionando a conscientização da importância do respeito e da promoção da educação Inter/multicultural.

No projeto de fotografia o estudante explora, aplica, e interpreta informações e tem a oportunidade de ressignificar aquilo que viu no museu e estabelecer relações com os conhecimentos aprendidos na sala de aula, ampliando o seu universo de aprendizagem.

A fotografia em sala de aula pode trazer experiências reflexivas, no entanto, o uso desse recurso muitas vezes, passa muitas vezes despercebido no cotidiano escolar, ou é usado apenas para reforçar o que já foi ensinado durante uma aula.

Os usos das diversas linguagens podem auxiliar no processo de aprendizagem tornando-o mais prazeroso e participativo. Já que de acordo com Silva e Porto (2012, p. 64) *“O universo iconográfico que pode ser utilizado como recurso pedagógico é extremamente variado [...]”*.

Ao professor então, cabe à tarefa de planejar aulas em que a história da África seja trabalhada, utilizando a linguagem fotográfica para retratar diferentes realidades, momentos e contextos históricos.

Realizar atividades com os alunos em sala de aula, levando-os a entender que outras formas de linguagem, além da tradicional, também podem auxiliar a questionar e a desconstruir as formas ideológicas, entendidas aqui como a “legislação, o material didático, conteúdos, pressupostos teóricos dos professores e outros” (SILVA, 1984, p. 16).

Segundo John Berger (1972) crítico de arte, historiador e romancista, o olhar chega antes da palavra, ou seja, os seres humanos, antes de aprender a falar, comunicam-se pela visão. Assim, olhar é um ato de escolha. A percepção de qualquer imagem é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos. Com isso, pode-se entender que toda imagem incorpora uma forma de ver.

As fotografias criam verdades e realidades acerca dos lugares do mundo, participam na construção de nossa imaginação/realidade do mundo contemporâneo, interfere na forma como imaginamos o espaço geográfico. Para Sontag (2004, p. 33) *“a fotografia dá a entender que conhecemos o mundo, se o aceitamos tal como a câmera registra”*.

Na elaboração do projeto político-pedagógico, as orientações didáticas devem conter os objetivos e a problematização, selecionada de acordo com o diagnóstico inicial da turma: faixa etária, maturidade emocional e intelectual, além do conhecimento prévio que os alunos trazem.

A montagem coletiva de um grande painel de fotos sobre a visita ao museu deve conter momentos, rostos, incluindo os integrantes desse espaço e alunos professores, a fim de que todos sejam incluídos. Muitos alunos ao serem valorizados pela sua origem africana se interessarão pelo estudo do continente Africano.

A exposição do painel é importante para que os alunos vivenciem a necessidade de planejar, para organizar o evento e para comunicá-lo à comunidade. Assim, há boas oportunidades de produzir coletivamente cartazes, convites, cartas de solicitação do espaço etc.

O trabalho em grupo favorece o compartilhamento das descobertas, incentiva às reflexões e questionamentos com seus pares, a criação de vínculos, de companheirismo e de parceria, fortalecendo, com isso, uma nova maneira de aprender coletivamente.

Para finalizar essa montagem, os professores devem organizar com as crianças uma exposição dos trabalhos para mostrá-los aos familiares, outros alunos da escola, coordenadores e direção. Além dessas pessoas, a exposição deve também, envolver pessoas da comunidade que imigraram de diferentes continentes ou regiões do país, que podem contar sobre suas origens.

A fotografia possibilita enxergar o mundo através de uma lente, e olhar a própria história, o outro, e o mundo. Os retratos contam histórias quando o discurso falha, como forma de expressão dos indivíduos. Cada observador se atem a um aspecto da fotografia que lhe trazem emoções e lembranças.

Mas para servir a este propósito, a fotografia como instrumento de releitura, mediadora de novos olhares e utilizada como recurso pedagógico no contexto escolar, necessita da educação deste olhar, ensejando outras perspectivas para seu uso, ampliando as linguagens de interpretação e de registro da realidade que nos cerca.

As fotografias visam o conhecimento e crítica do indivíduo de seu território, e podem servir de fonte de identificação, análise e interpretação dos elementos que constituem os universos circundantes no qual o aluno está inserido.

A apropriação de noções e métodos próprios do conhecimento histórico pelo saber escolar, não quer fazer do aluno um “pequeno historiador”, mas desenvolver a capacidade de observar, extrair

informações e interpretar características de sua realidade, além de estabelecer algumas relações e confrontações entre informações atuais e as históricas, datando e localizando as suas ações e as de outras pessoas no tempo e no espaço, inclusive podendo relativizar questões específicas de seu momento histórico. (PCN, 1997, p. 40).

A fotografia permite a projeção e a associação das imagens, seja por um tema específico ou por um conjunto de imagens aleatórias, e auxilia a traçar um fio condutor para o tema proposto. Assim, é importante estabelecer estratégias de leituras que sejam importantes para os alunos, levando em consideração as experiências que eles já trazem de seu ambiente cultural, como também, a imaginação e a criatividade de cada um. Haja vista que, todos nós temos modos particulares de ver e perceber o mundo.

Segundo KOSSOY, (2002) por mais que uma fotografia tenha esse aspecto de reflexo preciso de um instante real, em geral, sempre existe, um interesse específico, uma intenção, tanto no registro quanto na interpretação da imagem. Uma fotografia vai muito além da intenção do fotógrafo, podendo gerar inesperadas interpretações do sujeito.

O autor cita ainda que as fotografias, *“por outro lado, apesar de sua aparente credibilidade, nela também ocorrem omissões intencionais, acréscimos e manipulações de toda ordem”*.

Ainda de acordo com Kossoy (2005, p.40). Quando apreciamos determinadas fotografias nos vemos, quase sem perceber mergulhando no seu conteúdo e imaginando a trama dos fatos e as circunstâncias que envolveram o assunto ou a própria representação (o documento fotográfico), no contexto em que foi produzido: trata-se de um exercício mental de reconstituição quase que intuitivo.

A pessoa observa mensagens visuais nos jornais, televisão, artes plásticas e no cotidiano. Atenta-se assim que a apreciação visual das mais distintas imagens instiga, mesmo que de maneira implícita, a atribuição de valores, *“de forma a dar subsídios para que possam produzir interpretações imagéticas da realidade”*. Porém é a mesma *“lógica usada no ensino tradicional, em que o aluno interpreta textos escritos e redige sua própria mensagem, de forma a condicionar suas concepções, percepções, criatividade e expressividade no texto imagético”*. (FABRICIO 2007, p.104).

O estudo das artes visuais contempla a imagem como fonte de informação e conhecimento. Mas, para a apropriação desses conhecimentos é preciso que haja interação entre o expectador e a imagem. Nesse caso, é preciso induzir o espectador a leitura, a debruçar-se sobre imagens e obras de arte, para que seja possível apreender o sentido dessas imagens.

Segundo Barbosa, (1998, p.44), a reflexão sobre a imagem é algo que tem lugar em muito poucas escolas, e isso resulta em consequências nefastas não só para a compreensão da obra de arte, mas também para uma apreciação crítica da televisão.

Mesmo tendo caráter instantâneo mediante uma situação vivida, a fotografia tem uma leitura própria do mundo. O fotógrafo, cada vez que clica (e eterniza) uma determinada situação, realiza uma série de escolhas, que influem diretamente sobre a maneira que podemos compreender a situação enquadrada pelas lentes.

Por isso, ao analisar uma foto em sala é importante que o professor dê o maior número de dados possíveis sobre quando e onde o fotógrafo decidiu fotografar, e os dados biográficos sobre quem tirou essa mesma foto.

Ainda de acordo com Barbosa, (2008, p.73) *“educar para a visualidade é preparar os educandos para processar leituras, ou seja, ler, interpretar, dar sentido a uma imagem ou obra de arte, agregando as informações extraídas dessa imagem à sua realidade. Na verdade, não conseguimos apreender o mundo tal qual ele é, construímos mediações, filtros, sistemas simbólicos para conhecer o nosso entorno e nos conhecer.”*

Portanto, fica claro que o modo de ver ou ler uma imagem está relacionado ao grau de compreensão do observador, logo, o processo de leitura dependerá de suas capacidades perceptivas. “Nesse sentido, o professor não ensina como ler, pois não há uma leitura como a mais correta, há atribuições de sentidos construídas pelo leitor em função das informações e dos seus interesses no momento”. (BARBOSA, 2008, p 81).

Segundo Schultze, (2001), a arte fotografia, com certeza é uma facilitadora do trabalho transdisciplinar; ela tem o papel de junção, de integração, de transversalidade em todos os espaços da educação, especialmente os de educação infantil, pois, ela está ligada a todas as áreas do conhecimento e à leitura de mundo.

Fotografar é um modo de questionar uma imagem. Auxilia tanto nas descrições do cidadão comum, quanto dos cientistas e pesquisadores nas descobertas científico-tecnológicas e se complementa em diversas formas de expressões artísticas. É também é uma maneira de ver o passado e uma forma de expressão, uma vez que possibilitará o "congelamento" de uma situação e seu espaço físico inserido na subjetividade de um realismo virtual.

Portanto é importante trazer pessoas as fotografias e depoimentos de pessoas que descendam das matrizes que compõem o povo brasileiro: africanas, indígenas, europeias, asiáticas etc. Como se trata de um projeto que valoriza a ancestralidade, é o momento de pessoas compartilharem suas histórias de vida, experiências e saberes com as crianças.

Esse é um momento importante para que os alunos vivenciem a necessidade de usar a escrita para organizar o evento e para comunicá-lo à comunidade. Fotos resultam ainda de pré-conceitos artísticos, estéticos e técnicos. Contudo, elas têm valor por favorecer o reconhecimento da realidade e ampliar a visão de mundo dos alunos demonstrando que existem muitas formas diferentes de enxergar a realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho demonstrou que para desconstruir as imagens negativas do continente Africano é necessário incluir a História e Cultura Afro-Brasileira nos sistemas de ensino de todo o país. O pouco-caso com a cultura africana se reflete na sala de aula. O segundo maior continente do planeta aparece em livros didáticos somente quando o tema é escravidão, deixando de citar que o povo africano faz parte da diversidade do povo Brasileiro e minimizando a importância dos afrodescendentes.

Ressaltou a importância de os professores trabalharem esse tema tão polêmico, incluindo novas metodologias como a visita em museus, no caso desse artigo, o museu Afro-Brasileiro, localizado no Ibirapuera.

A visita a este acervo amplia a visão do aluno sobre o continente africano e permite que ele desmistifique a imagem do negro como um ser sem cultura, sem valores e costumes.

Faz-se necessário criar situações didáticas variadas para possibilitar a oportunidade de o aluno conhecer a história da África, não do ponto de vista eurocêntrico, mas da cultura afro-brasileira e africana, valorizando a identidade, cultura, história e melhorando as relações étnico-raciais na escola.

Isso pressupõe um planejamento que contenha diferentes modalidades organizativas: projetos didáticos, atividades permanentes e sequências didáticas que incluam o tema africano.

Verifica-se que os alunos nunca tiveram a oportunidade de conhecer a diversidade cultural do Continente Africano ou possuem imagens que enfatizam os aspectos negativos. Associam a África com atraso, guerras tribais, selva, fome, calamidades naturais, doenças endêmicas, AIDS e possuem também falsas noções sobre a religiosidade e costumes. Percebe-se que estes estereótipos construídos, com relação à África e os africanos, são devidos a uma falta de visitas a museus para que possam ampliar a visão com relação à riqueza e o potencial da estética africana.

A maior parte da aprendizagem se processa por meio da visão. Assim, a prática de leitura de imagem no museu, permite aprender ver, ler, interpretar e contextualizar imagem contando com a mediação do professor.

É necessário romper com o sistema ainda convencional de ensino, para isso o docente precisa elaborar projetos e atividades, cujos objetivos e conteúdo, proporcionem igualdade de oportunidades, para a aprendizagem de todos os alunos, valorizando suas identidades, a diversidade das suas culturas e línguas.

Esta visão atualmente se apresenta de forma mais ampla, uma vez que o desenvolvimento da tecnologia avança vertiginosamente e a sua presença na escola torna-se mais frequente a cada dia, razão para desenvolver novas formas de ensinar e de aprender. Esta questão, no entanto, diz respeito à formação do professor e suas capacitações para priorizar a qualidade do trabalho educacional, a fim de repensarmos as práticas educacionais.

Conclui-se que a visita ao museu e a utilização da fotografia como registro das atividades se constituem como recursos didáticos que permitem acessar conteúdos simbólicos, promovem a reflexão da experiência vivida, ou de uma imagem e uma aprendizagem significativa do conteúdo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, A. R. F. **Encruzilhadas do Olhar no ensino das Artes**. Porto Alegre. Ed. Mediação, 2007
- BERGER, J. **Modos de ver**. São Paulo, Martins Fontes, 1987.
- BARBOSA, A. M. (Org.). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo: Editora Cortez4 ed., 2008.
- BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da Arte**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. 2. Arte: Ensino de quinta a oitavas séries**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CARTER, K. **Fotografia ganhadora do prêmio Pulitzer**. Sudão, 1993.
- DUBOIS, P. **O Ato Fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1984.
- FABRÍCIO, L. E. O. & CHIAPINOTTO, M. L. **A fotografia como instrumento de alfabetização e de comunicação visual**. In: Vidya, v. 24, nº 42.
- FELIZARDO, L. C. **O relógio de ver**. Porto Alegre: Gabinete de Fotografia/FUMPROARTE, 2000.
- KOSSOY, B. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.
- KOSSOY, B. **Fotografia e memória: reconstrução por meio da fotografia**. In: Samain, Etienne (org). **O Fotográfico**. 2ª edição. São Paulo: SENAC, 2005.
- PILLAR, A. D. (Org.). **A Educação do Olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Editora Mediação, 4 ed., 2006.
- PHILIPPINI, A. **Arteterapia: métodos, projetos e processos**. Rio de Janeiro: Wak, 2009.
- SILVA, M A. **Repensando a História**. São Paulo; Marco Zero, 1984.

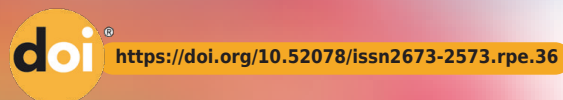
Lourdes Aparecida Portela de Sá

Licenciatura e Bacharelado em Psicologia pela Universidade Paulista, UNIP. Licenciatura em Pedagogia pelo Instituto Singularidades. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.



ORGANIZAÇÃO:
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):
Alecina do Nascimento Santos
António Dos Reis Fançony
Faustino Moma Tchipesse
Jucira Moura Vieira da Silva
Lourdes Aparecida Portela de Sá
Lucicleide Pereira dos Santos
Maria Elisabete Rodrigues de Britto
Mirella Clerici Loayza
Monica Nunes
Nair Dias Ramos
Patrícia Mendes Cavalcante de Souza
Rita de Cássia Martins Serafim
Roberta Batista
Sheila Bastos Soares
Vilma Cavalcante Sabino da Silva



Produzida com utilização de softwares livres



Platform &
workflow by
OJS/PKP

www.primeiraevolucao.com.br

